



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

A ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Juliana dos Santos Silva Miranda
Prof^a. Dr^a. Andréa Calderan (Orientador)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar estratégias eficazes para a alfabetização inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa parte do problema de compreender como práticas pedagógicas podem ser aprimoradas para atender às necessidades desses alunos, explorando os desafios enfrentados, as abordagens utilizadas e os resultados alcançados. Por meio de uma revisão bibliográfica, este estudo mapeou os desafios no processo de alfabetização, examinou práticas pedagógicas atuais e avaliou os métodos de ensino específicos, como o uso de tecnologias assistivas, recursos visuais e metodologias sensoriais. A análise inclui ainda sugestões de mudanças curriculares para facilitar a inclusão e a promoção do desenvolvimento integral das crianças. Os resultados apontaram que práticas pedagógicas individualizadas, associadas à formação docente contínua e ao trabalho colaborativo com equipes multidisciplinares, são fundamentais para um ensino inclusivo. Estratégias como a utilização de jogos educativos e a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) mostraram-se eficazes para promover o aprendizado, a socialização e a autonomia. Concluiu-se destacando que a alfabetização de crianças com TEA requer um ambiente educativo acolhedor e planejado, capaz de respeitar suas particularidades e potencializar suas habilidades.

Palavras chave: Autismo. Educação Inclusiva. Alfabetização da criança com TEA.

ABSTRACT

This study analyzes the teaching and learning process of autistic children in the early years of elementary school, in light of the legislation that ensures the right to adequate and inclusive care in regular education. Based on a literature review, the relevance of social inclusion and the positive impact of individualized educational approaches are discussed. Renowned authors such as Patricia Howlin, Rita Jordan, Gary Mesibov, and Eric Schopler argue that personalized and inclusive pedagogical practices are essential for the development and engagement of these children. Based on the guidelines of Law 12.764/2012, known as the Berenice Piana Law, this study reflects on the importance of the right to education in regular schooling and the fundamental role of inclusion in academic and social development. It is believed that, although some autistic children may

have a different learning pace compared to neurotypical students, they have the full capacity to absorb and interpret scientific knowledge, with an inclusive environment being a key factor in strengthening their skills. This analysis highlights the importance of an empathetic and respectful view of each trajectory, understanding that learning is a continuous and unique process for each student.

Keywords: Autism, Inclusive Education, Elementary School, Berenice Piana Law, Cognitive Development.

INTRODUÇÃO:

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas instituições de ensino brasileiras representa um avanço considerável, embora ainda enfrente desafios significativos para sua plena efetivação. A criação da Lei nº 12.764/2012, popularmente chamada de Lei Berenice Piana, marcou um ponto crucial nessa trajetória, ao reconhecer o autismo como uma deficiência e assegurar direitos fundamentais às pessoas com TEA. Essa legislação é resultado do esforço coletivo de famílias e profissionais comprometidos, simbolizando a luta por igualdade de oportunidades nas áreas educacional, de saúde e em outros serviços indispensáveis.

Essas iniciativas evidenciam que a inclusão não se limita à presença física de alunos com TEA na sala de aula. Trata-se de um planejamento intencional e dinâmico que valorize suas potencialidades e promova o êxito educacional nas etapas iniciais da vida escolar. Oliveira (2017) e Ribeiro (2019) afirmam que a Lei Berenice Piana deve ser vista como um instrumento que impulsiona práticas pedagógicas inclusivas, sendo mais que uma mera mudança legal.

Entretanto, a inclusão de estudantes com TEA exige mais do que mudanças legislativas ou adaptações físicas nos espaços escolares. Ela demanda abordagens pedagógicas que levem em conta as particularidades de cada aluno, especialmente no aprendizado inicial da leitura e da escrita, etapa essencial no desenvolvimento nos primeiros anos de escolarização. Nesse sentido, a inclusão deve ser vista como a criação de um ambiente favorável à participação ativa e ao desenvolvimento significativo de todos os educandos. Souza e Silva (2018) destacam a relevância de estratégias individualizadas, ressaltando que a convivência entre alunos com e sem TEA pode impulsionar competências sociais, cognitivas e comunicativas.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Quinta Edição (DSM-5), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA - American Psychiatric Association), é uma das principais referências para o diagnóstico de transtornos mentais. A edição mais recente, de 2013, introduziu alterações significativas na forma de compreender e classificar o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Antes do DSM-5, o TEA era dividido em diferentes subtipos, como a síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação. No entanto, o DSM-5 consolidou esses subtipos sob a única denominação de Transtorno do Espectro Autista. Essa mudança reflete a compreensão de que o espectro abrange uma gama ampla de manifestações, que podem incluir desde dificuldades sociais até padrões comportamentais restritivos, e implica uma abordagem mais flexível no entendimento do transtorno, levando em consideração as necessidades de apoio individualizadas de cada pessoa com TEA (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

Além da unificação das categorias do TEA, o DSM-5 também introduziu a ideia de níveis de suporte, uma ferramenta que facilita a compreensão e o planejamento das intervenções necessárias para cada indivíduo. Essa classificação divide os indivíduos em três níveis, de acordo com a intensidade do apoio exigido. O Nível 1 inclui pessoas que necessitam de suporte mínimo, enfrentando dificuldades mais sutis na interação social e em situações que exigem organização ou flexibilidade. O Nível 2, por sua vez, abrange indivíduos que demandam suporte moderado, com limitações mais evidentes na comunicação social e comportamentos repetitivos que interferem em sua rotina diária. O Nível 3 engloba aqueles que necessitam de suporte intensivo, devido a dificuldades severas na interação social e em comportamentos restritivos que afetam significativamente sua funcionalidade e autonomia (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

Essa classificação tem grande relevância no contexto educacional, pois possibilita o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais adequadas às necessidades de cada aluno. Nos primeiros anos de escolarização, a implementação de práticas específicas de acordo com os níveis de suporte pode promover um ambiente mais inclusivo e eficaz para o aprendizado de crianças com TEA. classificadas no Nível 1 podem se beneficiar de atividades que incentivem a socialização em pequenos grupos, além do uso de materiais

visuais e instruções claras, o que facilita sua integração ao ambiente escolar e sua autonomia nas tarefas. Já o Nível 2 exige adaptações como agendas visuais, rotinas estruturadas e suporte contínuo para trabalhar habilidades sociais e emocionais. Para o Nível 3, é comum que a criança precise de acompanhamento especializado, ajustes curriculares profundos e um trabalho colaborativo constante entre a família, a escola e os profissionais de saúde (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

No contexto do processo de alfabetização e aprendizado inicial, essas diretrizes são fundamentais para planejar intervenções personalizadas. A utilização de materiais concretos, a repetição de atividades e a focalização em temas que despertem o interesse da criança são algumas das estratégias que podem ajudar no engajamento e no progresso acadêmico. Além disso, essas práticas também favorecem o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, essenciais para uma inclusão educacional eficaz. Portanto, as orientações propostas pelo DSM-5 fornecem uma base sólida para entender as especificidades de cada aluno com TEA e apoiar o desenvolvimento de estratégias que promovam seu aprendizado, socialização e bem-estar dentro do ambiente escolar (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

Essas iniciativas evidenciam que a inclusão não se limita à presença física de alunos com TEA na sala de aula. Trata-se de um planejamento intencional e dinâmico que valorize suas potencialidades e promova o êxito educacional nas etapas iniciais da vida escolar. Essas percepções ilustram o que Oliveira (2017) e Ribeiro (2019) afirmam, que a Lei Berenice Piana deve ser vista como um instrumento para impulsionar práticas pedagógicas inclusivas, indo além de uma mera mudança legal.

Estratégias como a adaptação do currículo, o uso de recursos visuais e o planejamento coletivo têm gerado resultados positivos, tornando o ambiente escolar mais acessível e funcional para crianças com TEA (OLIVEIRA et al., 2019). Entretanto, é essencial reconhecer que a inclusão efetiva vai além da modificação dos métodos de ensino. Ela exige um compromisso contínuo com a capacitação dos educadores, a construção de um ambiente escolar acolhedor e o trabalho conjunto com uma equipe multidisciplinar (MANTOAN, 2003). Psicopedagogos, terapeutas ocupacionais e outros profissionais desempenham um papel essencial nesse processo, fornecendo suporte integral para o desenvolvimento acadêmico e emocional das crianças (LIMA, R.; SOUZA)

Gomes (2016) sublinha que cabe à escola garantir que as práticas pedagógicas atendam aos diferentes momentos de desenvolvimento de cada aluno, promovendo um ambiente de aprendizagem realmente inclusivo e acessível.

O ensino de crianças com TEA, aliado ao uso de metodologias adaptadas e abordagens inovadoras, tem mostrado ser essencial para garantir uma alfabetização eficiente. Amaral e Cunha (2018) e Leite (2019b) sugerem que o uso de recursos visuais e estratégias fonológicas personalizadas, como a instrução fônica individualizada, desempenham um papel importante no desenvolvimento de habilidades fundamentais como leitura e escrita. Além disso, Oliveira e Santos (2020) e Borges (2019) enfatizam que o desenvolvimento emocional também é parte essencial desse processo. Dessa forma, o ensino deve ser ajustado não só para garantir o domínio dos conteúdos acadêmicos, mas também para fortalecer as competências sociais e emocionais, essenciais para a inclusão das crianças com TEA na sociedade.

Portanto, a verdadeira inclusão vai além da simples adaptação curricular – ela envolve uma transformação profunda na maneira como a educação é concebida e aplicada. Isso exige tanto a formação constante dos educadores quanto a colaboração com especialistas, para assegurar que as abordagens pedagógicas atendam às necessidades específicas de cada aluno com TEA. Só assim será possível garantir uma educação que não apenas ofereça acesso, mas também favoreça o desenvolvimento integral de cada criança, respeitando suas singularidades e proporcionando uma oportunidade justa para aprender e crescer.

A alfabetização de crianças com TEA nos primeiros anos do ensino fundamental tem se tornado um tema central nas discussões sobre educação inclusiva. Apesar dos avanços legais e das metodologias emergentes, muitos desafios ainda persistem, principalmente no que diz respeito à adaptação das práticas pedagógicas às necessidades desses alunos. Surge, então, a principal questão que orienta esta pesquisa: Como a alfabetização de crianças com TEA pode ser aprimorada nos primeiros anos da educação básica, levando em consideração as práticas pedagógicas inclusivas e as metodologias mais eficazes para atender às suas necessidades?

A alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos primeiros anos da educação básica pode ser enriquecida por meio de práticas inclusivas que considerem suas especificidades e favoreçam seu progresso integral. Entre as

abordagens mais eficientes, destacam-se a utilização de suportes visuais, estratégias personalizadas, ferramentas tecnológicas assistivas e metodologias baseadas no ensino estruturado, que priorizam a previsibilidade e a organização como elementos-chave para otimizar o aprendizado. Além disso, a formação continuada dos docentes e a atuação conjunta entre professores e especialistas são indispensáveis para criar um ambiente educativo acessível e motivador (MANTOAN, 2003; ROSA et al., 2017).

Tem-se como hipótese que o processo de alfabetização, fundamental para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e linguísticas, requer uma abordagem diferenciada que considere as particularidades de cada aluno. Nos últimos anos, novas estratégias pedagógicas surgiram com o objetivo de integrar melhor as especificidades do TEA, com destaque para o uso de tecnologias assistivas e metodologias inovadoras. Ferramentas como aplicativos e jogos educacionais adaptados, além de recursos personalizados para leitura e escrita, têm se mostrado eficazes ao facilitar o acesso ao conteúdo de maneira individualizada, promovendo a autonomia dos alunos e ampliando suas oportunidades de aprendizagem. Além disso, a atualização constante dos educadores, por meio de capacitações sobre o desenvolvimento das crianças com TEA, é essencial para que a prática pedagógica seja mais inclusiva e sensível às necessidades desses alunos, favorecendo a alfabetização eficaz nos primeiros anos do ensino fundamental.

Neste contexto, e diante a pergunta de pesquisa, este trabalho visa analisar como as abordagens educacionais podem ser ajustadas para promover uma aprendizagem significativa e inclusiva, respeitando as características das crianças com TEA e criando um ambiente escolar mais acessível e acolhedor. Para isso, teve-se como objetivos específicos mapear os desafios existentes no processo de alfabetização de crianças com (TEA), examinar as práticas pedagógicas em uso na atualidade, avaliar a eficácia de métodos de ensino direcionados a essa população e propor mudanças curriculares que favoreçam a inclusão e potencializam o aprendizado.

Para isso, teve-se como objetivos específicos mapear os desafios existentes no processo de alfabetização de crianças com (TEA), examinar as práticas pedagógicas em uso na atualidade, avaliar a eficácia de métodos de ensino direcionados a essa população e propor mudanças curriculares que favoreçam a inclusão e potencializem o aprendizado.

Referencial Teórico

O cenário educacional atual destaca a crescente necessidade de um ensino inclusivo que leve em consideração as particularidades de cada aluno, especialmente os diagnosticados com TEA. Nesse contexto, a alfabetização ultrapassa a simples aprendizagem da leitura e escrita, incluindo o desenvolvimento de competências cognitivas, linguísticas e sociais essenciais para a plena integração, tanto na escola quanto na sociedade. Segundo Souza (2020), a inclusão de alunos com TEA exige ajustes no currículo que contemplem a diversidade do processo de aprendizagem, permitindo o desenvolvimento das diversas potencialidades dos estudantes. Para atingir esse objetivo, é fundamental repensar as estratégias pedagógicas, moldando-as de forma a criar um ambiente de aprendizagem mais acessível e justo. O uso de métodos flexíveis, que priorizem a comunicação e a interação, é crucial para a implementação de um processo alfabetizador que atenda às necessidades de todos os alunos (Santos, 2019).

Além disso, políticas educacionais voltadas para a inclusão escolar, quando bem estruturadas, desempenham um papel fundamental ao fornecer aos alunos com TEA os recursos e materiais necessários para o seu desenvolvimento. Conforme Lima (2018), a eficácia das políticas públicas de inclusão depende diretamente da capacitação contínua dos profissionais da educação, que devem compreender as especificidades do transtorno e suas implicações no processo de aprendizagem. Para Nunes (2021) essa capacitação não se limita ao conhecimento teórico, mas também envolve a prática de abordagens que integrem diferentes maneiras de aprender, respeitando tanto as limitações quanto às potencialidades de cada aluno.

O uso crescente de tecnologias assistivas também se destaca nesse contexto, sendo um recurso valioso no processo de alfabetização. Essas ferramentas não só ajudam no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, mas também ampliam a autonomia dos alunos, permitindo-lhes se expressar de maneira mais eficaz, superando barreiras de comunicação. Como aponta Rocha (2022), as tecnologias assistivas oferecem uma alternativa significativa para a personalização do ensino, promovendo a inclusão digital e educacional dos alunos com TEA. Contudo, é imprescindível que a implementação dessas tecnologias seja acompanhada por uma análise crítica, considerando as necessidades e características individuais de cada aluno, para garantir que as ferramentas sejam adequadas ao contexto de aprendizagem.

A inclusão do aluno com (TEA) na educação básica tem sido um tema de grande relevância no Brasil. A criação da Lei nº 12.764/2012 (Lei Berenice Piana), que assegura o direito à educação para esses alunos, é um marco importante, mas a sua aplicação prática vai além da simples adequação dos espaços físicos e curriculares. Para que a inclusão aconteça de maneira efetiva, é fundamental que os educadores estejam preparados para atender às necessidades específicas dessas crianças, levando em consideração suas particularidades cognitivas, emocionais e sociais.

De acordo com Souza e Silva (2018), a verdadeira inclusão não se resume à presença dos alunos com TEA na escola. É necessário um esforço contínuo de adaptação das práticas pedagógicas, para que o currículo seja flexível e as metodologias, diversificadas. Oliveira (2017) e Ribeiro (2019) também ressaltam a importância da criação de ambientes que favoreçam a interação social e a aprendizagem acadêmica dos alunos com TEA, pois isso contribui diretamente para a qualidade do ensino.

Uma das principais estratégias mencionadas para garantir uma inclusão eficaz é a adaptação curricular. Leite (2019a) defende que, nos primeiros anos do ensino fundamental, as práticas de leitura e escrita devem ser ajustadas às necessidades individuais de cada aluno. O uso de recursos visuais, como quadros e cartões ilustrados, é uma alternativa eficaz para facilitar o aprendizado da linguagem escrita, além de aumentar o engajamento dos alunos. Amaral e Cunha (2018) afirmam que combinar essas ferramentas visuais com métodos fonológicos adequados pode acelerar a compreensão de conceitos mais complexos, como a leitura, promovendo uma alfabetização mais inclusiva.

Além disso, é essencial que o desenvolvimento socioemocional dos alunos com TEA seja incorporado ao processo educativo. Oliveira e Santos (2019) destacam que é preciso criar um ambiente escolar que respeite e acolha as diferenças, garantindo que as crianças se sintam seguras e dispostas a aprender. Borges (2019) complementa, afirmando que um clima de respeito e empatia dentro da escola não só beneficia os alunos com TEA, mas também contribui para uma convivência mais harmoniosa entre todos os estudantes.

Outro aspecto relevante para a efetivação da inclusão é a capacitação dos educadores. Gomes (2016) aponta que os professores devem estar constantemente atualizados e preparados para modificar suas práticas pedagógicas conforme as

necessidades dos alunos, e isso só é possível por meio de formações específicas. A colaboração com outros profissionais, como psicopedagogos e terapeutas ocupacionais, têm se mostrado fundamental para atender às múltiplas demandas dos alunos com TEA, proporcionando um atendimento integral e mais eficaz.

Portanto, a verdadeira inclusão escolar não é um processo simples, mas sim uma transformação contínua. Ela exige que todos os profissionais da educação estejam comprometidos com a adaptação de suas práticas, garantindo que as crianças com TEA recebam um ensino de qualidade, mas também contribuindo para a construção de uma escola mais acolhedora e acessível para todos.

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa foi cuidadosamente planejada para fornecer uma base sólida e sensível ao contexto educacional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O estudo se propôs a investigar as particularidades da alfabetização dessas crianças, considerando os desafios enfrentados e as estratégias mais eficazes no processo. A educação de alunos com TEA exige uma adaptação constante das práticas pedagógicas, o que justifica a relevância do estudo, visto que muitas escolas ainda encontram dificuldades para atender a essas demandas.

Para realizar essa investigação, optou-se por realizar uma busca bibliográfica na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando o descritor “alfabetização em TEA”. Esta plataforma foi escolhida pela sua importância dentro do cenário acadêmico brasileiro, sendo uma fonte valiosa para a identificação de estudos que tratam de temas como a educação inclusiva.

A pesquisa inicial gerou 21 trabalhos relacionados ao tema da alfabetização de crianças com TEA. A partir desses estudos, foram selecionados aqueles que atendiam a critérios específicos: relevância direta com o tema central e a publicação em língua portuguesa, uma vez que o foco da pesquisa é o contexto educacional brasileiro. Após essa triagem, 15 estudos foram escolhidos, oferecendo contribuições essenciais para entender os desafios e as estratégias de alfabetização voltadas para crianças com TEA. Esses estudos foram organizados de forma a destacar informações chave, como título, autor e aspectos diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa. Essa organização

ajudou na identificação de temas comuns e permitiu uma análise mais aprofundada do conteúdo dos estudos.

A análise dos estudos selecionados foi realizada com o intuito de identificar as principais dificuldades enfrentadas e as abordagens pedagógicas adotadas para a alfabetização das crianças com TEA. Esse processo considerou tanto a teoria sobre o tema quanto às políticas educacionais que sustentam a inclusão. A análise foi conduzida de maneira reflexiva, respeitosa e atenta, buscando compreender as especificidades dos diferentes contextos educacionais.

Dessa forma, a metodologia não se limitou aos padrões convencionais da pesquisa acadêmica, mas também procurou incorporar uma visão mais humanizada e sensível ao contexto das crianças com TEA. O objetivo foi produzir um conhecimento que contribua tanto para o avanço teórico quanto para a aplicação de práticas pedagógicas mais inclusivas e adaptadas às necessidades dessas crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O primeiro estudo analisado, intitulado "Alfabetiza TEA: recurso digital pedagógico de apoio à alfabetização, com ênfase nos educandos com TEA" (Viviane Teles Vidal Dalanes, 2021), destaca o aumento significativo na matrícula de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular, impulsionado por políticas de inclusão escolar. A autora aponta que, embora muitos professores enfrentam dificuldades devido à falta de formação específica sobre TEA, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e o modelo TEACCH são ferramentas pedagógicas que podem contribuir para a alfabetização desses alunos. Ela enfatiza ainda o uso de práticas lúdicas e colaborativas, além da parceria entre família e escola, como elementos essenciais para a efetividade do processo de alfabetização.

O segundo estudo, "Seu estudo Digital - TEA: Proposta de uma rota educacional dinâmica para aplicação em softwares de ensino com foco na alfabetização de crianças autistas" (Letícia Viegas Gomes da Silva, 2022), não foi acessado na íntegra. No entanto, o resumo disponível destaca a necessidade de um fluxo educacional dinâmico e personalizado para softwares de ensino. A autora sugere que o desenvolvimento desses

recursos exige uma equipe multidisciplinar e aponta que os softwares ainda precisam de testes e ajustes para alcançar plena eficácia.

O terceiro estudo, "Jogos Digitais para Desenvolver Noções de Alfabetização de Crianças com Transtorno do Espectro" (Renata Cristiane Martins Coronel, 2021), explora o papel dos jogos digitais na alfabetização, ressaltando sua importância para o desenvolvimento de habilidades motoras, compreensão auditiva e interpretação visual. A autora reforça a necessidade da mediação de professores ou familiares para garantir que o aprendizado ocorra de maneira efetiva. Ela menciona ainda a carência de formação docente em tecnologias educacionais e a escassez de recursos tecnológicos nas escolas. Entre os aplicativos citados, destacam-se Jade Autism, OutApp Autismo e ABC Autismo, que promovem habilidades como o reconhecimento de letras e sons, além de estimular a atenção e a motivação dos alunos.

No estudo "Alfabetização de alunos com TEA: concepções e práticas dos professores" (Izabel Almeida, 2020), é abordada a dificuldade de muitas escolas em implementar práticas inclusivas bem estruturadas. A autora enfatiza a importância do método fônico, da mediação constante e do fortalecimento do trabalho colaborativo entre professores da classe regular e da sala de recursos multifuncionais, alinhando-se às ideias de Vygotsky (1939-1942) sobre a zona de desenvolvimento proximal.

Michele Dias Hayssi Miranda Haduo, em "Processo de aquisição de habilidades metafonológicas e alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista" (2020), elaborou um questionário online para mapear habilidades metafonológicas e o progresso na alfabetização de crianças com TEA sob a perspectiva dos pais. Para a autora, a alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta desafios significativos, devido às variações no desenvolvimento das habilidades metafonológicas, de linguagem e de escrita dessas crianças. Segundo Haduo (2024), há uma correlação entre as habilidades metafonológicas e o desempenho em leitura e escrita, indicando que intervenções específicas são fundamentais para superar dificuldades nesse processo. A autora ressalta que a heterogeneidade nos perfis de habilidades linguísticas do público com TEA exige abordagens individualizadas e metodologias adaptadas, considerando as necessidades únicas de cada criança. Estratégias como o uso de instrumentos avaliativos precisos e intervenções focadas na consciência fonológica demonstraram-se eficazes para promover o progresso no aprendizado. A pesquisa também enfatiza a importância de

um trabalho colaborativo entre pais, educadores e especialistas para otimizar os resultados acadêmicos e sociais dessas crianças.

Pedro de Moura Garcia, em "Um aplicativo para auxiliar na alfabetização de indivíduos com autismo" (2021), desenvolveu e validou um aplicativo baseado nos métodos fônico e TEACCH, que apresentou resultados positivos em termos de aceitação, motivação e impacto na alfabetização de crianças com TEA.

Garcia (2018) destacou em seu estudo como desafios no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) as dificuldades de comunicação social, linguagem e coordenação motora fina e sensorial. Segundo o autor, esses fatores podem comprometer o desenvolvimento da leitura e escrita, especialmente a compreensão da relação entre grafemas e fonemas. Além disso, o autor aponta que o acesso a tecnologias e serviços adaptados às necessidades dessa população é frequentemente inadequado, limitando o apoio necessário para uma aprendizagem eficaz. No que diz respeito às práticas pedagógicas, Garcia (2018) ressalta o uso do método fônico como uma abordagem eficaz na alfabetização de crianças com TEA. Esse método baseia-se em atividades sistemáticas que desenvolvem a consciência fonológica, auxiliando a associação entre sons e letras. O autor também menciona a aplicação do método TEACCH, que utiliza estratégias visuais e organiza o ensino em níveis de complexidade crescente, promovendo a adaptação às necessidades individuais dos alunos. Para superar esses desafios, Garcia (2018) sugere a utilização de tecnologias digitais, como aplicativos móveis desenvolvidos especificamente para esse público. O autor apresenta o exemplo do aplicativo ABC Fônico, que combina o método fônico com os princípios do TEACCH. O autor destaca ressaltando que essa ferramenta oferece uma interface simples e acessível, além de jogos educativos e relatórios de progresso, permitindo um acompanhamento mais detalhado por parte de educadores e especialistas. Essas características demonstram o potencial de ferramentas tecnológicas para melhorar o processo de alfabetização de crianças com TEA.

Maria Renata de Mira Gobbo, em "Aplicativo ACABA (Aprendendo com Comunicação Alternativa) para crianças com transtorno do espectro autista" (2019), avaliou a eficácia de um aplicativo que utiliza a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA). O estudo concluiu que o recurso promoveu avanços na comunicação e no

engajamento das crianças nas atividades escolares, além de fortalecer seu desenvolvimento linguístico.

O estudo de Gobbo (2019) apresenta como desafios no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) dificuldades relacionadas à comunicação, habilidades sociais e comportamentos repetitivos, que muitas vezes dificultam a interação com métodos tradicionais de ensino. O autor também destaca que as tecnologias voltadas para esse público frequentemente carecem de usabilidade e acessibilidade adequadas, comprometendo sua eficácia no contexto educacional. Quanto às práticas pedagógicas, o estudo desenvolveu o aplicativo ACA (Aprendendo com Comunicação Alternativa), que utiliza o método PECS (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras) e o programa TEACCH para promover a aprendizagem de forma estruturada e gradual. O método fônico também foi incorporado para ensinar a relação entre letras, sons e palavras, enquanto o design do aplicativo segue recomendações de acessibilidade e interação para pessoas com TEA. Elementos de gamificação, como medalhas e troféus, foram incluídos para aumentar o engajamento das crianças. A autora sugere que a utilização de aplicativos como o ACA não apenas auxilia no reconhecimento de imagens e ampliação de vocabulário, mas também proporciona um suporte adicional à alfabetização e ao desenvolvimento de habilidades funcionais. A pesquisa conclui que a tecnologia pode ser uma ferramenta eficaz para promover a aprendizagem autônoma e a integração de crianças com TEA em atividades educacionais e sociais.

Raquel Lanini da Silva Campos, em "Desenvolvimento de aplicativos para crianças com autismo: Processo de concepção, criação e avaliação" (2019), relatou a criação de um aplicativo voltado para crianças com TEA, ressaltando a importância de um design amigável e adaptado às necessidades dos usuários. A pesquisa demonstrou melhorias na comunicação e aprendizagem, com boa aceitação por parte de crianças, educadores e famílias. O estudo de Campos (2019) aborda os desafios do processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando as limitações das práticas pedagógicas tradicionais e a necessidade de adaptações específicas para atender às demandas desse público. A pesquisa identifica que, embora as tecnologias educacionais tenham avançado, ainda há uma carência de estudos aprofundados e ferramentas eficazes a longo prazo. Quanto às práticas pedagógicas, Campos observa que a mediação do professor é indispensável, especialmente no uso de recursos

tecnológicos, e que a personalização do ensino é fundamental para potencializar o aprendizado. Como sugestão, o estudo propõe o uso de aplicativos educacionais baseados no desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica, aliados à mediação colaborativa do professor, para proporcionar um ensino mais inclusivo e eficaz, ajustado às necessidades das crianças com TEA

O estudo "Equoterapia educacional: um aporte colaborativo na inclusão da criança com transtorno do espectro autista na escola" (Francelina de Queiroz Felipe Cruz, 2020) analisou a equoterapia como Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os resultados apontam para contribuições positivas no comportamento, afetividade e inclusão social das crianças com TEA, por meio de uma abordagem colaborativa entre educadores, mediadores e alunos.

Bruna Nogueira Pereira (2019), em "Equoterapia e Psicomotricidade: o Brincar no processo educativo da criança com Transtorno do Espectro Autista", avaliou o uso do Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS) e atividades de vida diária (AVDs) em um aplicativo para auxiliar na alfabetização de crianças com TEA. O estudo destacou avanços no reconhecimento de imagens, ampliação de vocabulário e incentivo ao autocuidado, utilizando elementos de gamificação para engajar as crianças.

O estudo de Pereira (2019) explora os desafios e as estratégias associadas à inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio da equoterapia e da psicomotricidade. A pesquisa identifica que as dificuldades de escolarização desse público estão frequentemente associadas a déficits psicomotores, dificuldades na simbolização e desafios na integração escolar. A partir de um estudo de caso com abordagem longitudinal, Pereira destaca a importância de práticas pedagógicas que integrem atividades lúdicas e corporais como ferramentas mediadoras. A equoterapia, associada à psicomotricidade relacional, é sugerida como uma prática pedagógica efetiva, promovendo o desenvolvimento de habilidades motoras, sociais e cognitivas. A autora reforça que estratégias inclusivas, como o brincar relacional em contextos equoterápicos, têm o potencial de desconstruir barreiras excludentes e ampliar as possibilidades de aprendizagem e permanência escolar de estudantes com TEA, indicando que a prática pode ser amplamente adaptada e aplicada no ambiente escolar

Por fim, Gabriela Christine Scariott, em "A contação de fábulas de Esopo adaptadas com recurso da Comunicação Alternativa e Ampliada para crianças com transtorno do espectro autista" (2019), adaptou fábulas para crianças com TEA, utilizando fichas de CAA. O estudo concluiu que a abordagem ampliou a compreensão das histórias e promoveu maior participação nas atividades de leitura.

Scariott (2024) aborda os desafios e as possibilidades na alfabetização de crianças com TEA, destacando que dificuldades na comunicação e interação social podem impactar significativamente a compreensão de narrativas e o aprendizado de leitura. Entre os principais desafios estão os déficits na comunicação oral e gestual, a resistência a mudanças de rotina e a carência de ambientes educacionais adaptados e inclusivos, além da insuficiência de formação docente para o uso de materiais pedagógicos adequados. Como possibilidade, a autora sugere o uso da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), que se apresenta como uma estratégia eficaz para ampliar a compreensão de histórias e desenvolver habilidades comunicativas. Nesse contexto, a autora propõe a utilização de fábulas de Esopo adaptadas, enriquecidas com recursos visuais e pictogramas, como ferramenta pedagógica inclusiva. Essas adaptações utilizam fichas de comunicação baseadas em pictogramas do sistema ARASAAC, que permitem representar ideias e palavras por meio de imagens acessíveis, facilitando o entendimento e a interação por parte das crianças. As fábulas adaptadas não apenas auxiliam no desenvolvimento da linguagem e da comunicação, mas também promovem a inclusão educacional ao oferecer um meio alternativo de participação ativa nas atividades escolares. Por fim, a autora destaca a importância de novas pesquisas com amostras maiores para aprofundar os conhecimentos sobre essas metodologias e promover avanços no processo de ensino-aprendizagem.

Lenara Spedo (2017), no estudo "Acompanhamento Terapêutico na Escola: Entre o Educar e o Analisar", investigou o papel do acompanhamento terapêutico no ambiente escolar. O estudo ressalta a relevância desse acompanhamento para promover a inclusão, apoiar o desenvolvimento de autonomia e facilitar as interações sociais, destacando a integração entre educação e saúde mental como fundamental para atender às demandas de crianças com TEA, o estudo discute os desafios e possibilidades do acompanhamento terapêutico (AT) na alfabetização de crianças com psicose e autismo no contexto da inclusão escolar. A autora destaca que essas crianças apresentam modos singulares de se

relacionar com o conhecimento e com a linguagem, o que pode dificultar sua inserção nos processos tradicionais de alfabetização. Entre os desafios, estão a necessidade de superar barreiras ligadas à ausência de um laço simbólico com a cultura escolar e de encontrar estratégias que respeitem a singularidade de cada criança, evitando práticas que simplesmente reproduzam modelos tecnicistas ou adaptativos que desconsiderem suas subjetividades. Como possibilidade, Spagnuolo propõe que o AT, orientado pela psicanálise, atue como um mediador na construção de um lugar simbólico de aluno para essas crianças, incentivando sua relação com os elementos culturais e linguísticos apresentados pela escola. O AT, em parceria com professores, pode auxiliar na criação de práticas pedagógicas que considerem a singularidade do processo de aprendizagem de cada criança. A alfabetização é vista como um caminho para construir esse lugar de aluno, permitindo que a criança se aproprie dos significantes culturais e, assim, participe de forma mais ativa no ambiente escolar. Por fim, a autora ressalta que o objetivo do AT é tornar-se dispensável, transferindo gradualmente para o professor a função de conduzir a criança no processo de aprendizagem, especialmente no que diz respeito à alfabetização.

Outra pesquisa que contribui muito é "Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)", de Mariana Campos Pinho, buscou entender como o brincar poderia ser mais que entretenimento uma ponte para a interação social, a comunicação e o desenvolvimento da autonomia de uma criança com TEA no ambiente escolar. O objetivo principal foi investigar se o brincar estruturado, quando conduzido de maneira planejada, poderia contribuir para o desenvolvimento integral da criança com autismo. A pesquisa enfatizou o papel do professor em criar atividades que fossem ao mesmo tempo inclusivas e instigantes, adaptando o espaço escolar para acolher as necessidades únicas dos alunos com TEA. Os resultados mostraram que as atividades lúdicas promovem avanços significativos no comportamento social da criança, com melhorias visíveis nas interações e na capacidade de comunicação, tornando o aprendizado um processo mais inclusivo e humano. O texto de Mariana Campos Pinho (2018) explora os desafios e possibilidades do uso de atividades lúdicas no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto inclusivo de sala de aula regular. A autora destaca que a alfabetização de crianças com TEA apresenta desafios como os prejuízos na interação social, na comunicação e no comportamento, que dificultam a

apropriação da linguagem escrita e a participação nas atividades escolares. Além disso, as especificidades do processamento cognitivo e sensorial dessas crianças requerem estratégias pedagógicas diferenciadas que respeitem suas particularidades.

Como possibilidade, o estudo sugere que as atividades lúdicas podem atuar como mediadoras pedagógicas eficazes, promovendo maior engajamento, interação social e desenvolvimento das habilidades cognitivas necessárias para a escrita. A autora descreve que essas atividades, realizadas em conjunto com os pares, favorecem a atenção compartilhada, a comunicação e a compreensão do universo letrado, permitindo avanços significativos no processo de alfabetização. O uso de jogos, brincadeiras e outras dinâmicas lúdicas é visto como uma forma de transformar a aprendizagem em uma experiência prazerosa e significativa, respeitando o ritmo e as necessidades individuais da criança com TEA. Além disso, o estudo ressalta a importância de práticas inclusivas que promovam a interação social e o compartilhamento de significados, contribuindo para a construção do aprendizado no plano simbólico.

A pesquisa de Nara Raquel Cavalcanti Lima (2019), intitulada "Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista: representações do professor", teve como principal objetivo compreender como os professores percebem e representam o processo de alfabetização de alunos com (TEA). O estudo explora as estratégias, dificuldades e percepções desses educadores, destacando a relevância das representações docentes, uma vez que suas atitudes, expectativas e práticas pedagógicas influenciam diretamente o sucesso da alfabetização inclusiva. Entre eles, destacam-se a participação ativa dos pais, o suporte de uma equipe multidisciplinar e a adaptação das práticas pedagógicas às necessidades específicas dos alunos. Essa abordagem integrativa reforça a importância da colaboração e planejamento para garantir um ambiente educacional inclusivo e eficiente.

Já a pesquisa de Priscila Hikaru Shibukawa (2020), no texto "Metadados do item: Vestindo os óculos da Pedagogia Waldorf", ao investigar a Pedagogia Waldorf no contexto da inclusão e alfabetização de crianças com TEA, utiliza uma abordagem centrada no desenvolvimento integral dos alunos, considerando dimensões emocionais, físicas, cognitivas e espirituais. O método Waldorf respeita o ritmo individual de cada criança, promovendo o aprendizado por meio de experiências sensoriais, atividades artísticas e práticas manuais. A metodologia enfatiza a criação de um ambiente seguro e previsível,

essencial para crianças com TEA, e utiliza atividades rítmicas diárias, que ajudam a reduzir a ansiedade e a promover a autonomia no aprendizado. Os resultados indicam que essa abordagem contribui para o desenvolvimento de habilidades fundamentais, além de melhorar a socialização e facilitar a alfabetização. A Pedagogia Waldorf demonstra potencial para beneficiar alunos com TEA, ao valorizar métodos não convencionais de ensino e atender às necessidades individuais. Ao criar um ambiente acolhedor e respeitar o ritmo de cada criança, essa metodologia favorece tanto a alfabetização quanto a inclusão social, possibilitando que os alunos se desenvolvam em sua plenitude. O método respeita o ritmo individual de aprendizado de cada criança, privilegiando atividades sensoriais, artísticas e práticas manuais, que proporcionam uma vivência mais significativa do processo educativo.

Entre os aspectos destacados, existe sempre a importância de criar um ambiente escolar seguro e previsível, onde as atividades seguem uma rotina bem estruturada. Esse tipo de organização ajuda a reduzir a ansiedade e proporciona à criança com TEA, um espaço de confiança, favorecendo o aprendizado autônomo e a interação social e respeitando o ritmo único de cada criança, essa abordagem colabora não só para o avanço das competências acadêmicas, mas também para o fortalecimento da interação social e da autoconfiança no ambiente educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do ensino fundamental requer estratégias pedagógicas ajustadas e inclusivas, que atendam às suas necessidades particulares. Esse processo vai além da transmissão de conteúdos acadêmicos, envolvendo o desenvolvimento integral, que abarca aspectos cognitivos, emocionais, sociais e de autonomia.

A inclusão educacional, assegurada pela Lei Berenice Piana (Lei 12.764/2012) e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reforça o compromisso de proporcionar às crianças com TEA uma educação de qualidade, que respeite seu ritmo e estilo de aprendizado. Contudo, persistem desafios, como a falta de capacitação específica para os docentes, a carência de recursos didáticos apropriados e a necessidade de maior suporte às famílias. Pesquisas destacam que práticas pedagógicas

individualizadas, como o emprego de tecnologias digitais, jogos educativos, métodos sensoriais e atividades lúdicas, têm se mostrado eficazes na promoção do aprendizado.

Aplicativos educativos, abordagens como a Pedagogia Waldorf, e recursos como a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) ilustram como estratégias inovadoras podem facilitar o envolvimento e a compreensão, respeitando as particularidades de cada estudante.

A conexão entre professores, famílias e equipes multidisciplinares é essencial para criar um ambiente acolhedor, seguro e motivador. Essa colaboração fortalece não apenas a alfabetização, mas também o desenvolvimento das habilidades interpessoais e a inclusão social. Ferramentas como os Planos de Ensino Individualizados (PEI) e um trabalho conjunto entre educadores promovem uma experiência de aprendizado significativa e adaptada. Dessa forma, alfabetizar crianças com TEA é um processo que vai além do ato de ensinar a ler e escrever: é abrir caminhos para que essas crianças se desenvolvam de forma plena e participativa. Trata-se de uma oportunidade de reconhecer e valorizar suas potencialidades, ao mesmo tempo em que a escola e a sociedade são transformadas em espaços mais inclusivos e receptivos. É um convite à construção de um futuro onde as diferenças sejam vistas como força e a educação seja verdadeiramente um direito de todos.

Em termos de realidade, constatou-se que, apesar do avanço das políticas de inclusão, ainda há uma lacuna significativa na implementação de práticas pedagógicas efetivas e na formação docente. Muitas escolas enfrentam barreiras estruturais e falta de recursos, enquanto os professores demonstram insegurança em adaptar as metodologias tradicionais às necessidades das crianças com TEA. Essa realidade reforça a necessidade de maior investimento em formação continuada e na produção de materiais pedagógicos inclusivos.

Os autores analisados sugerem a ampliação da mediação pedagógica, a integração entre família e escola e o uso de estratégias colaborativas para garantir o progresso na alfabetização. Além disso, destacam a importância de intervenções que estimulem habilidades metafonológicas, utilizando jogos e atividades interativas que combinem aspectos lúdicos e educativos. A personalização do ensino é enfatizada como essencial para alcançar resultados significativos, aliada à formação de equipes

multidisciplinares que incluam professores, terapeutas e especialistas em tecnologias educacionais sugere-se que o aprimoramento da alfabetização de crianças com TEA envolva o fortalecimento das políticas públicas voltadas à inclusão, o desenvolvimento de currículos flexíveis e a incorporação de práticas pedagógicas baseadas em evidências. Investir em formação docente contínua, com foco em metodologias inclusivas, e ampliar o acesso a tecnologias adaptadas são passos fundamentais para criar um ambiente mais acessível e acolhedor. Adicionalmente, estudos futuros poderiam explorar mais profundamente a eficácia das ferramentas digitais, com maior amostragem e análise longitudinal, bem como investigar novas formas de integrar práticas inclusivas com abordagens terapêuticas. Essas iniciativas poderão não apenas melhorar os resultados acadêmicos, mas também promover o bem-estar e a inclusão social das crianças com TEA.

A verdadeira inclusão não é aquela que adapta a pessoa ao modelo escolar, mas a que transforma a escola para que todos possam aprender e se desenvolver em suas próprias potencialidades." — Martha Meier, 2022.

Referências

ALMEIDA, Izabel Cristina Araujo. **Alfabetização De Alunos Com Transtorno Do Espectro Autista (TEA):** Concepções E Práticas Dos Professores. 2019.

AMERICAN Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

AMARAL, Raquel; CUNHA, Simone. **A importância dos recursos visuais na educação inclusiva.** São Paulo: Editora Educação Inclusiva, 2018.

BORGES, Alexandre. **Formação continuada de professores para a educação inclusiva.** São Paulo: Editora Pedagogia para Todos, 2019.

CAMPOS, Raquel Lanini da Silva. **Desenvolvimento De Aplicativos Para Crianças Com Autismo:** Processo De Concepção, Criação E Avaliação. Dissertação de mestrado. 2019.

CORONEL, Renata Cristiane Martins. **Jogos Digitais Para Desenvolver Noções De Alfabetização De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista.** 2022.

CRUZ, Francelina de Queiroz Felipe. **Equoterapia Educacional:** Um Aporte Colaborativo Na Inclusão Da Criança Com Transtorno Do Espectro Autista Na Escola. Dissertação de mestrado. 2016.

DALANESI, Viviane Teles Vidal. **Alfabetizada:** Recurso Digital Pedagógico De Apoio à Alfabetização, Com ênfase Nos Educandos Com TEA. Dissertação de mestrado. 2021.

GARCIA, Pedro de Moura. **Um Aplicativo Para Auxiliar Na Alfabetização De Indivíduos Com Autismo.** Dissertação de mestrado. 2018.

GOMES, Lúcia Pereira. **Formação de professores para a educação inclusiva:** desafios e perspectivas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

GOBBO, Maria Renata de Mira. **Aplicativo ACA (aprendendo Com Comunicação Alternativa) Para Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista.** Dissertação de mestrado. 2024.

HADUO, Michele Dias Hayssi Miranda. **Processo De Aquisição De Habilidades Metafonológicas E Alfabetização De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista:** Perspectiva Dos Pais. Dissertação de Mestrado. 2024.

LEITE, Maria Fernanda. **Estratégias de adaptação curricular no ensino fundamental para alunos com TEA.** Brasília: Editora UnB, 2019a.

LEITE, Tânia. **Ensino visual para crianças com TEA: Estratégias e recursos.** São Paulo: Editora Psicoeducação, 2019b.

LIMA, Tarcísio Ferreira. **Políticas de inclusão: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

LIMA, Nara Raquel Cavalcanti. **Alfabetização De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista: Representações Do Professor**. Dissertação de mestrado. 2019.

LIMA, R.; SOUZA, A. **A atuação do psicopedagogo na educação inclusiva. Psicopedagogia, 2023.**

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Denise Souza; SANTOS, Maria Fátima. **Desenvolvimento socioemocional de alunos com TEA: práticas e desafios**. São Paulo: Editora Loyola, 2020.

OLIVEIRA, Paulo(a). **Inclusão e práticas pedagógicas: reflexões sobre o ensino inclusivo**. Salvador: Editora Acadêmica, 2017.

OLIVEIRA, Paulo(b); SANTOS, Fabiana. **Desenvolvimento socioemocional e aprendizagem em crianças com TEA**. São Paulo: Editora Psicologia Educacional, 2019.

PEREIRA, Bruna Nogueira. **EQUOTERAPIA E PSICOMOTRICIDADE: O Brincar No Processo Educativo Da Criança Com Transtorno Do Espectro Autista**. 2019.

PINHO, Mariana Campos. **Contribuições Do Uso De Atividades Lúdicas Em Sala De Aula, Para O Desenvolvimento E Aprendizagem De Uma Criança Com Transtorno Do Espectro Autista (TEA): Uma Intervenção No Contexto Escolar**. Dissertação de mestrado. 2018.

ROCHA, Maria José. **Tecnologias assistivas e o processo de aprendizagem**. Campinas: Editora Papirus, 2022.

SANTOS, Ana Paula. **Metodologias inclusivas no ensino fundamental**. Brasília: Editora UNB, 2019.

SCARIOTT, Gabriela Christine. **A contação de fábulas de Esopo adaptadas com recurso da comunicação alternativa e ampliada para crianças com transtorno do espectro autista**. Dissertação (Mestrado) — 2024.

SHIBUKAWA, Priscila Hikaru. **Vestindo Os óculos Da Pedagogia Waldorf: Inclusão, Alfabetização E Transtorno Do Espectro Autista**. Dissertação de mestrado. 2020.

SOUZA, Cristina Silva. **Educação e diversidade: uma análise crítica das práticas pedagógicas**. São Paulo: Editora Loyola, 2020.

SOUZA, Cristina Silva; SILVA, Renata Machado. **Inclusão escolar: desafios e práticas pedagógicas para alunos com TEA**. São Paulo: Editora Cortez, 2018.

SOUZA, Rodrigo; SILVA, Patrícia. **Inclusão escolar: práticas pedagógicas e legislação**. Porto Alegre: Editora Social, 2018.

SPAGNUOLO, Lenara Spedo. **Acompanhamento Terapêutico Na Escola: Entre O Educar E O Analisar**. Dissertação de mestrado. 2017.